

A traditional Japanese ink wash painting (suiboku-ga) depicting a woman in a kimono writing in a notebook. She is seated, holding a blue umbrella with a floral pattern. The background shows a misty landscape with trees. The text 'As Quatro Folhas' is overlaid in the center, and 'Djalmar Stüttgen' is below it. The Japanese characters 'ハイカイ' are on the left.

# As Quatro Folhas

Djalmar Stüttgen

ハイカイ

Momentos no campo

Mizuno Toshikata 1866-1908

Copyright © 2004 Djalmar Stüttgen



Lençóis  
Espaçam  
Azuis

A velha madeira  
Do banco do jardim  
Queima solitária

Paquetá  
Bailam  
Pedras

Chuva torrencial  
As folhas brandas  
Regam os uitis

Por cima por baixo  
Confiscam morcegos  
Frutos de oiti



Lança a pedra  
Superfície em ondas  
Avisa que bateu

Sol atuante  
Sombrinhas coloridas  
Passeiam nas mãos

Surfa a pedra  
A superfície em ondas  
Avisa que valeu

Densa neblina  
São as luzes de bordo  
Pedras preciosas



Calmo latido  
Outros perguntam  
O distante vale



Coroam o Fuji  
Assim deitado  
Colzas amarelas



Morcegos chegam  
Milhão num só pé sapoti  
Chegam ainda mais





Caminho  
Latões de leite  
O sol recente





Consumindo  
Queimam por si  
Gravetos secos




Atrás da pedra  
Se protege  
O verde limo



Sobre a rocha  
Mostra o sapo  
Corte ao céu



Margens de nuvens  
Yyang Tse - Rio Amarelo  
Entre



Faz as compras  
Ali que tanto quer  
A moça do caixa

Zap bezouro cai  
Boa rede segura  
Jantar da aranha

A cunha dos patos  
Em frente curvam asas  
Não olham para trás

Olha de lado  
O besouro  
Desconfiado



Será estrela  
A flor de lótus  
Olha o tempo



Pomo de cetim  
Costura a noite  
A cor marfim

A lona  
Também recebe  
Carícias do vento



Alto abaixo  
Rasga filetes do mar  
O lento primaveril



Alto e baixo  
Rasga filetes no mar  
A lua refletida



Vontade de chegar  
A fumaça no campo  
O capim molhado



Já enfeitiça  
Pequenina bruxa  
Boneca de pano

Pose de beija-flor  
Só bico e rabicho  
Grampo do varal



A densa neblina  
Aumentam pela varanda  
Os focinhos amigos

Matemática  
Letra teta lia teta  
Sinal do ser poeta

Denso frio  
Abraça o fogo forte  
As tábuas do chão

Fortes pingos  
Nevoam batidas  
Telhas vizinhas

Quando se tocam  
Orihime e Kengyu  
Tímidos sorrisos

Enleva acima  
Tanzakus dos sassa dake  
Chão esquecido

Nódoas do tronco  
Marcas antigas  
Depois não mais

Toca na grade  
Mendiga na calçada  
Do pássaro pegado



Portal da escola  
Símbolo pena e letra  
Abandonados

Desde menino  
Sou útil inda brincando  
Grato meu sábio

Despreocupada  
Passeia comigo  
A moeda em prata



Posso esperar?

Vou pensar vou pensar

Ela responde




Pontuação  
Estragam  
Pensar



Barca chegando  
Não consigo esperar  
Pulo pro cais



Bater da chuva  
Olhos nas mãos pousadas  
Dela me lembro

Colhi da  água  
Cavalinho do mar  
Morremos juntos





Lanço-me na água  
Chuva grossa da praia  
Olhos cheios dágua

Pés sobre areia  
Areias de paquetá  
Na água cintilam



Calor chegando  
Beijo na boca  
Benção da pecadora

Os vagalumes  
Vamos namorar  
Os sapos aceita juntá-los

Danças voando  
Alegres pirilampos  
Faiscando luz

Focalizo além  
Vagalumes acesos  
Que baterias

Pula sobre mim  
Cheia da boa lama  
Grito ou beijo

Ao redor grilos  
Voltam os problemas  
Fossem só de antes



Rato no fogão  
Fazendo arrumação  
Mas que folgado

Novo naufrágio  
Já presencio  
Naquelas ondas curvas

Sábios egípcios  
Fecundando  
Vastas civilizações

Pedras da rua  
Não as chutem  
São terras do amanhã

Aratacas no ninho  
Os olhos de tamarindos  
Tão-somente

Não bata o pé  
Por baixo tem mil vidas  
E têm silêncio

Pesquei no nilo  
Hieroglífos  
Que saborosas

Hieróglifos  
Hieroglífos  
Mistério egípcio



Lânguida deita  
Mostra dez tetinhas  
Correm doze

Quando conheci  
Toda meiguice  
Depois realidade

Rebola morde  
Pula quando chego  
Ah essas fêmeas

Escolhe muito  
Fila no portão  
Acaba solteirona

É com chicote  
Que se distorce  
Pepinos crescidos

Olhos nos olhos  
Quanta dedicação  
Ponto de paixão

Quantos amigos  
Lá já se foram haps  
Fica pra sempre tá

Cães esquecidos  
De dor aguda no peito  
Morrem amigos



Qual delas casar  
Precisei ajuda  
A demônia decidiu

Coberta cinza  
Desperta o orvalho branco  
O cheiro do mato

Sentenciei a juíza  
Tens de me amar  
Peno até hoje

Na cava do tronco  
A distante mariposa  
Deixa-lhe a seda

A forte seda

Talha a pedra  
Nome e sobrenome  
Falta-lhe a data

Geme manhosa  
Querendo entrar  
Poltrona verificar

Tomar o café  
Na casa da vizinha  
Aprendi fazer



Planta trata  
Colhe pila ferve côa  
Café só dela

Assim gritava  
Respeitável público  
Coisa de palhaço

Tudo palpita  
Tudo sabia  
Corrigindo deuses

Sempre julga  
Cada passo  
Que dá

Por quê cinzas  
Sempre mergulhei no mar  
Corpo e alma

Dorme na casinha  
Preciso companhia  
Vou acordá-la

Bela cidade  
Do chão passasses  
Chegaria a adjetos

Varro o quintal  
Capricha direitinho  
Assim conquistou



Maldito zíper  
Do pijama infantil  
Criva-bingulin

Varrido chão  
Cai a primeira  
Flor roxa do ipê

Mata e mata  
Seguem bandeirantes  
Trilha de santos

A face de buda  
Que troça comigo  
Fica sorriso

Igual ao quadro  
Preciso entender  
O teu sorriso

Um punho de penas  
No portão do cercado  
Coruja-do-mato

Coruja pousa  
Baixo trêmulo canto  
Coruja-do-campo

Coruja se ergue  
Suave se lança  
O dia clareia



Esguia e altiva  
Enfeita-se a palmeira  
Fruto do açai

Vagueiam no cais  
Mortos olhos de cardumes  
A procura do mar

A verde palmeira  
Oferece as visitas  
Vermelhos açáis

Tempo feio  
É incompreendido  
Ou não sabe o que diz

Cabelos brancos  
Respeitai disseram  
E alvos bandidos?

Bons sapatos  
Melhor ter sucesso  
Boas pernas

Discretos amigos  
Você aqui eles ali  
Cordiais animais

Passa as compras

Passa o troco

Passa-me correta



Podridão ratos  
Ladrões horror de lugar  
Lá iremos pousar

A minhoca espia  
Rápido sol do dia  
Lua é mais amiga

Sê cuidado  
Enxada do campo  
Vida na terra

Caixão ornado  
Coisa mais inútil  
Guarda podridão

Caixão bem simples  
Quanto desperdício  
Réstia de orgulho

Fiéis ombro a ombro  
Quintal e cemitério  
Enxada do campo

Música de wagner  
Filigranas de ouro  
Lapidam os metais

Rua de saibro  
Mortiça luz trigueira  
Pára os passos



Pitbull late  
Dentro da casinha  
A chuva fria

Palmeiras do açai  
Eram quatro agora duas  
O vento sudoeste

Torna-se bruxa  
Amando mais do que foi  
A boneca de pano

Diário da bruxa  
Escrita desde pequena  
Boneca de pano

Bruxa sonhada  
Encontro combinado  
Iguarias

Vem neste trem  
Rápido agita os braços  
Para ela só o ver

Salta na estação  
Rápido abre os braços  
Pura sedução

Joga o pescador  
Isca anzol e linha  
O mais possível



Contrato  
Aberração  
Escrita

Arreio  
Cabresto  
Amigo

Janela marfim  
Dono esquecida  
Balança o vidro

Goteja tinta  
A pipa fugidia  
O monte fuji

Gelo do fuji  
O sol esquenta  
A água do chá

Recolhe os remos  
Ajeita no casco  
Gotas do mar

Aperto de mão  
Leviano  
É leviano

Civilizados  
De um e do outro  
O arame farpado



O sapo por baixo  
O pássaro por cima  
Eu no fio farpado

Ah estrada de barro  
Sempre a mesma aventura  
Pular a cerca

O sol poente  
A luz alcança  
Ela sabe ele

Deito ao luar  
Atento inicio  
O eclipse lunar

Então você acha  
Que estou maluca  
Pode ser que sim

Desfruta o ócio  
Pequena mansão  
O estendido cão

Prende a menina  
Contra o avental  
A cúmplice bruxa

Mostra a menina  
Misturas do caldeirão  
E a bruxa no avental



Sê simples  
Incluso  
No simples

A lua crescente  
Avó lhe dizia  
A unha da bruxa

Subida da serra  
Passam mais devagar  
Buquês de ipês

Contorna a serra  
E passam devagar  
Buquês de ipês

As quinas de muros  
Juntam-se em grupos  
Criando peçonhas

Fita íris do céu  
Laranja verde lilás  
Corta o pássaro

Fita íris no céu  
Laranja verde lilás  
Lava jato

Tormenta  
Brinca o navio  
Espalhando água



Avisa a ilha  
Não necessita o nome  
Manter distância

Faina  
A onda na proa  
Varre o convés

Tempestade  
Parece que nada  
O petroleiro

Equipagem branca  
Apontam as gaivotas  
Rumo a tomar

Trigo amarelo  
A foice no campo  
O inverno brilha

Fim do inverno  
Ressoa na muralha  
A onda dominante

Telhas partidas  
Reproduz o teto  
Cenas tingidas

Roda o grumete  
Procurando convés  
Lição temporal



Do outro lado  
Os pés de kyomi  
Sentem frio

Macia enrosca  
V dos seios  
Felpudo nó

Águia  
Pinça o peixe  
A gota da folha

Boceja o cão  
Fastio  
Outros imitam

Levam consigo  
Lembranças do caminho  
Os carrapichos

Qual um míope  
Tenta ler Issa  
O besourinho

Entrada de circo  
O bilheteiro  
Rasga o bilhete

Hoje tem abiu  
Amarelo e verde  
Gosto de beijo



Encaracolado  
Também subo o fuji  
Pequeno buda

Ah maravilha  
O receber rindo  
Buddha descalço

Três três vezes  
Insiste o besouro  
Testar o vidro

Teia de aranha  
Prende com sua rede  
A bola mundo

Lento inverno  
Amigos não chegam  
Sirvo o chá

Longe galo  
Vai ver o dia  
Chegou por lá

Glauco aprendi  
Verde claro azulado  
Nome do mar

Sem fazer nada  
Pega o dicionário  
Lê cautela



Pacífico  
Nome  
Domar

Dorme a manhã  
Boca kikinha  
Cheiro sapoti

Boca kikinha  
Dorme a manhã  
Cheiro sapoti



Varre o quintal  
Será que também faz  
Haikai



Ah fartura  
Sem me conhecer diz  
Bom dia


Barco  
Praia  
Bom dia bom dia



Varre o quintal  
Com certeza faz  
Haicai

Varre o quintal  
Aqui também se faz  
Haicai





Sacuda o pé  
Não não precisa  
Cai sozinho

Aninha o Fuji  
Coruja branca  
Sacode o corpo



De uma criança  
Rouba o tempo  
A sopa quente





Manhã  
Outra vez  
O pio longo

Manhã  
Outra vez  
O bosque longo

Água de rosas  
Sofisticado  
O beija-flor

Rouba o tempo  
Das crianças  
As mensalidades

Ah caminhante  
Se eu pular  
Fico famoso



Darwin  
Shakespeare  
Bóias da Inglaterra

Rua de saibro  
Mortiça luz trigueira  
Paro os passos



Espera  
O lápis  
Al dente



Silêncio do brejo  
Das conversas de sapos  
Altos coaxos

Resvala o sol  
Ouro amarelo branco  
Caminho de saibro

Aposentada ao sol  
A folha estendida  
Verso caída

Olhar da ponte  
Para baixo o tenta  
Levar a corrente

Sebo  
Encontra budha  
Livre de poeiras



Oh encaracolado  
Também subo o fuji  
Mais devagar

Propagandistas  
Os deuses mandam  
Um dia lindo

Como pretendia  
Chora a menina  
Comedida

A minha frente  
Primavera japonesa  
Triângulo fuji

Chega primeiro  
Buquês de cores  
Moço encontro

Sabiá quer casar  
Logo encontrará  
A lua de paquetá

Gigantes borboletas  
Folhas a noite  
Bananeiras

Curvinha do seio  
Obra de mestre  
Quisera ser o mestre



Reflete a lua  
Sol aquece e passa  
A lua só transpassa

Bananeiras  
Primeiro o coração  
Depois as bananas

Cabeça de nenê  
Só pensa  
Papinha

Manhã se abre  
Na cor do lago  
Vou pescar

Entra vento  
Nas cabeças alinhadas  
Luzes da estrada

Raios de sol  
Baratas tontas  
Tampa de esgoto

Vizinhos  
Batem pênaltis  
No meu vidro

Por pipocas  
Lutam entre si  
Pombinhas da paz



O rio das velhas  
Brigam os urubus  
Por uma tripa

Abre aspas  
Pestanas perigosas  
Fecha aspas

Sino  
Monge pára  
Mosquito passa

Chucrute  
Lá em casa  
É al dente

Buquê de flores  
Letras colocadas  
Laço arrumado

Ida e volta  
Como ter certeza  
Bilhete do metrô

O doce alecrim  
Encharcado seca  
E a chuva não cessa

Quadriculada  
Transparece a vidro  
A vista da baía



Esplêndidas  
No cacho de açaí  
As três marias

Feira do livro  
Por que o país está assim  
Talvez aqui saibam

Pedras do rio  
Parecem que se movem  
Assim por cima

A cor da manhã  
Não se decide  
Fico deitado

Achei o título  
Descansa o lápis  
Bem travesseiro

Sem dúvida  
Que lhe faça espécie  
Some a libélula

Aquele menino  
Que dobra a esquina  
E vê a praia

Desse lado  
O monte fuji  
Começa por aqui



Esquecendo tudo  
Viver só de paquetá  
Pulo pro cais

Assim assim  
Azul branca preta  
Borboleta

Noite de frio  
Arranham a porta  
Os amigos

O mar  
Dentro do coco  
Paquetá

Som de paquetá  
Escreve na lápide  
Sons de paquetá

Sem dúvida  
Que lhe faça espécie  
Some a caneta

O coco  
Dentro de um pouco  
Paquetá

A foto da moça  
Do outro lado  
Não lembra a data



Dúvida  
Aquece a maçaneta  
Porta da casa

Bom dia  
Saem das casquinhas  
Miudinhas de ipê

Evolução  
Protege o homem  
Peludo cão

Lenço de seda  
Aquece ao ouvir  
Coisas do vento

Lápis de cor  
Sentada à frente  
Primeiro amor

Que conceito faz  
Se todos os seres  
Brincam iguais

Tempestade  
Abraça com vontade  
Lençóis do varal

Ontem o vento  
Caíram as folhas  
De tão contentes



Coisa divina  
Estar em casa  
Viuvinha

Urso se espanta  
Das abelhinhas  
Querer tanto mel

Um mar de montanhas  
Orgulho maneira  
Uai

Um beijo  
A queimadura  
Vira borboleta

Confuso céu  
Dois três quatro  
Quantos patos

Passa a mão  
Deixa seu cheiro  
Sobre a mesa

Antigamente  
Era antiga mente agora  
Mais pra frente

Leve vazio  
Passa a oriental  
Meio aos livros



Vende-se terras  
Em lotes saqueadas  
Aproveita

Chove nas folhas  
Que agora fazem falta  
Barulho de sapos

Meus poemas  
São inéditos  
Nunca os li

Meus inéditos  
São de prosa  
Nunca os li

Sorteio  
Deposite aqui  
Suas economias

Escrever-te  
Não tenho poema  
Fostes justa

Por que gritar  
Se todos os ovos  
São iguais

Tempos outros  
Ansiosos esperam  
Abrir e-mail



Aonde nasce a lua  
Ali  
A minha também

Fogos de artificios  
Mostra para que vieram  
Ó vasto espaço

Manhã vernal  
Depois da abelha  
Tomarei o chá

Pérolas aos porcos  
Melhor tolo provérbio  
Que aos porcarias

Hipódromo  
Uma cabeça vale  
Mais que todas

Teatro da vida  
Muita fala  
Poucos atos

Reli o livro  
Que te emprestei  
Cheiro patchouli

Rocha próxima  
Faz parte da ilha  
Ou é como tu



O cônico problema  
Do monte fuji  
Deixo em branco

Tumba ataúde  
Êta nominhos feios  
Estragam qualquer viagem

Branca nuvem  
A deusa fuchi  
Junto a buda

Porta  
Adiantado  
O coração

Escrita risca  
Ranha poetisa ferida  
Pena enferma

Aniversário  
Que vida estenda  
Duração do sol

Adoro fotos  
Antigas originais  
Sem silicone

É apropriada  
Pisa reza e mora  
Terra roubada



Escrever-te  
Não tenho pressa  
Fostes justa

Ah passarineiro  
Quitutes de bondade  
Sabor da jaula

Tudo aparece  
Assim mais perto  
Sem reflexo

Cada noite  
Sonha o vira lata  
Assobio do dono

Neste momento  
O cão de rua sente  
Passos do dono

O caco de telha  
Escreve ao chão  
Aproveita

Inda as águas  
Batem nas pedras  
Paquetá

Cão de rua  
Cada vez mais esquece  
Passos do dono



As Quatro Folhas

Fina haste  
Borboletas  
Namoram

Concisos haikai  
Com cinco sete cinco  
É mais preciso?

Varrem quintais  
Será que ninguém  
Lê meus haicais



## As Quatro Folhas

## Ukiyo e

---

Ukiyo e ou “o mundo flutuante”, é um estilo de pintura da arte japonesa criado por Hishikawa Maranobu no século 17. Seus pintores procuravam captar fatos e costumes do cotidiano da população. Estas pinturas impressas sobre madeira, vem influenciar, e muito, se não decisiva, o que convencionou-se chamar de Impressionistas no século 19, sendo Manet, Monet, Van Gogh, T. Lautrec, apreciadores e colecionadores destas gravuras.

A esta forma de representação da vida pensa o autor dedicar este livro.

## As Quatro Folhas

### Considerações

É fama que no Japão alguém se abaixa em atitude de apanhar uma pedra para atirá-la a um cão, não se pôe o animal a correr como sucede na Europa, porque o cão não recebeu naquele país nenhuma pedrada, e, portanto, desconhece o intento que supõe o ato de colher uma pedra. O espírito de ternura, solicitude e carinho pelos animais, caracteriza singularmente o povo japonês e manifesta indiretamente nas relações com seus semelhantes, resultando disto, que os crimes cometidos anualmente no Império do Sol nascente, são em numero **UMA INSIGNIFICANTE FRAÇÃO DOS QUE SE PRATICAM NOS ESTADOS UNIDOS.**

Na Índia, onde o modo de tratar os animais, envergonharia as nações europeas de tão decantada civilização e poderio, na Índia, a estatística para um povo de 300 milhões de habitantes, e quarta parte...

---

**Página transcrita do livro Regras Para o Viajor, Ralph Waldo Trine, tradução portuguesa de Braulio Prego, terceira edição, Empresa Editora “O Pensamento”, São Paulo, Brasil, 1941.**  
**Transcrição ipsis litteris.**

# As Quatro Folhas



dh\_stuttgen@yahoo.com.br

**A Editora**






**2<sup>a</sup>**

## **AS FOLHAS BRANCAS**

A **Bruxa-Zen** fez a gata ter coelhinhos. Como a gata pode ter coelhinhos?, pergunta-lhe a menina **Chin**. São gatinhos, respondeu-lhe **Bruxa-Zen**. Como posso saber que são gatinhos?, pergunta-lhe novamente a menina **Chin**. Olhe por baixo da pele, e verás que são gatinhos.

O **Burro-Che'n**, da província de **Sun**, falou ao cego viajante da vizinha província **Lu**; Segura no meu rabo que eu te conduzo. Poderia montá-lo?, perguntou-lhe **Cego-de-Lu**. Responde-lhe **Burro-Che'n**: Não, pois você assim não aprende o caminho.

Cair é morrer

Todos   
Menos eu  
Vou pescar

O vizinho **Lai**, aborreceu o vizinho **Tu**. Respondeu-lhe o vizinho **Tu** com súbita afronta. Venceu o primeiro.



A mentira é a porta do infortúnio.

A fome é a lucidez da carência. A raiz profunda, silenciosa.

Salpica de gelo a neve o sábio andarilho.

Foi o banco do jardim ou a falta dela que me resfriou?

Triste a flor guardada

Povos que conhecessem o mar não seriam tão duros

Bate o barco  
O outro vazio  
Som oco

Idiotas se anulam:  
Com o tolo  
Não se faz silêncio.



Se fores  
Não se parecem  
Flores?

Ao braço  
Apoiastes  
Sofisticada

Juntam aos céus criando pássaros

O **Burro-Chen** de dia chorava e de noite frustrava.

Falou-lhe assim **Luz-Perfeita**.

Deixe-me ir conduzi-lo.

Para quê, se tenho quatro patas? respondeu-lhe sobriamente o **Burro-Chen**.

Perguntou-lhe **Luz-Perfeita**.

Conheces o Diálogo-do-Céu?

Não.

É assim – **Luz-Perfeita**

...

Lá tem quatro.

Não Pestanejar

Não Balbuciar

Não Afrontar

Não Dividir

Entardece

Tarde tarde

Lago de carpas

Para o cão, seu osso, é o ócio.

Vinham correndo três meninas chinesas **Win**, **Han** e **Lin** e três meninas japonesas **Saito**, **Sumi** e **Mioto** que ao se encontrarem abraçavam-se e diziam entre si – “Estamos perto.”.

Poemas  
Semelhantes ondas  
Outras não



Nas portas e janelas **Hun-Tse** batia e dizia vazio – “Deixe o Sol entrar, para que a noite seja só sua.”.

Na **Luz-Prateada** as crianças da **Praça-Pequena** em coro, diziam alto  
– “Nunca mais se tem o instante que começa agora.”.

Como pode ser  
Caminha para o leste  
O sol poente

## Casa Terminada

Um dia, afinal, fica terminada a casa, caíram as paredes, voaram os assoalhos. Ah! Não é isto felicidade?

Para Chin Schengt'an, *Câmara Ocidental*.

**Manhã-de-Sol**, deixava olhar para o horizonte e pensava.  
“Puxa, quem será que existe ali?”  
O Sol desceu.

A farinha se dizia pura

Do anel pende a âncora. Tuuu.

Restaurante  
Música-dos-deuses  
Índico



Só  
Meia-entrada  
O circo ri

Pergunta-lhe novamente o **Conto** ao **Desafio**:

Porquê me olhas tão incisivo?

Porque assim, disfarças melhor, responde-lhe de novo o **Desafio**.

Há três mundos. O feito, o perfeito e o perfeito.

**Wun-Tsu** queria ser imperador; como deveria atravessar o rio sem margens, desistiu.

A chuva forte  
Por cima das cabeças  
Os raios de luz

O vento húmido  
As florestas mudam  
Vale de Wei

## A Pedra

**Chu-lai**, caminhava na beira do penhasco, viu uma pedra e foi apanhá-la. Chegou lá em baixo.

**Wen-Tzu** saboreava o queijo quando **Wu Su**, a deusa, apareceu-lhe e disse-lhe – “ Este queijo foi feito com o meu leite.”. **Wen-Tzu** foi feliz.



**Wu Su**, a deusa, disse – “O meu corpo foi feito com o meu leite.”. **Wen-Tzu** foi novamente feliz.

Quando menina **Yan Tse**, disse “Que são essas mãos para cima?”. O **Mestre Zen** disse: “São pássaros.”

**Wen Su** subiu ao **Morro Das Predições** não sentiu nada e voltou feliz.

Águas folgadas  
Monges do yantsu  
Mãos e doutrina

## A colheita do traço e o avental

Quando o homem deve ser humilde? perguntou **Faz de Conta**. Nunca!, responde-lhe **Deixa de Ser Burro**. E quando o homem é realmente pobre? Jamais, responde-lhe a **Briza**.

Biblioteca Nacional Reg. N° : 323.242  
Liv. : 591 Fol.: 402

A arte não é brincadeira para crianças.